



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AS ONDAS DO FEMINISMO NA SOCIEDADE: APROXIMAÇÕES, DISTANCIAMENTOS E RESISTÊNCIAS NO MOVIMENTO DE MULHERES

Beatriz Araújo da Silva

UFAL- araujobeatriz09@gmail.com

Lígia da Silva Santos

UFAL- ygyalavigne.ligia@gmail.com

Pâmela Tamires Bezerra Ferreira da Silva

UFAL- pamelaufal@hotmail.com

RESUMO: O presente escrito objetiva realizar reflexões acerca do movimento de mulheres, respaldando-se na compreensão das ondas do feminismo na sociedade ao longo dos anos, partindo de uma análise sócio-histórico-crítica da relação do gênero, o patriarcado e o androcentrismo. No decorrer da pesquisa, constatamos que as mulheres ao almejar um protagonismo social, eram invisibilizadas e subestimadas pelo machismo enraizado socialmente. Posteriormente, os movimentos femininos organizados, enfatizavam o sexismo como pauta principal das discussões não abordando aos demais aspectos sociais, étnicos, culturais e as respectivas especificidades de sua diversidade, tornando-se um movimento coletivo e ao mesmo tempo segregador. Para tanto, o estudo bibliográfico traz um embasamento teórico situando os acontecimentos destacados dentro das abordagens reflexivas e sóciocríticas que possibilitam uma visualização da mulher para além do gênero feminino, aproximando seus entraves e possibilidades na luta pela equidade social.

Palavras-chave: Feminismo, movimento das mulheres, sociedade.

1. Introdução

O feminismo na contemporaneidade é uma pauta popularizada em sua nomenclatura, porém pouco em seus ideais reais em torno da ideologia do movimento, inseridas em campos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de interesse que reivindicam seus direitos socioculturais e políticos, mas poucos movimentos sociais se dispõem a estudar e se inteirar da composição do feminismo em uma perspectiva da historicidade da luta desse movimento.

Inseridos em parâmetros histórico-críticos e sociais, este artigo busca interpelar questões voltadas para a politização (ou sua ausência) de uma categoria desconsiderada por vieses abarcados majoritariamente pelas observações embasadas no patriarcado e do androcentrismo.

Os movimentos feministas, apesar de contemplarem a categoria da mulher, buscam problematizar sobre a importância de se estabelecer uma ótica praxista desta na sociedade, entre associações, determinismos, proximidades e afastamentos que podem vir a somar e fortalecer ou dissociar a luta das mulheres para galgar o lugar de destaque que estas merecem, não somente por ser mulher, mas por compor um braço forte estrutural dentro da família como da sociedade brasileira, seja endogênica ou exogenicamente.

Os movimentos de mulheres e os movimentos feministas podem se aglutinar ou afastar mediante suas ideologias, pois o esta categoria não constitui a pauta unicamente entre o gênero e o sexismo, pois a luta pelo feminismo permite caminhos em estradas distintas em suas composições.

Dentro do feminismo e suas especificidades é necessário observar que dentro desse campo de lutas, está sua diversidade, pois singularizar a luta feminista pelo viés da unicidade dos interesses das mulheres é singularizar seus direitos e abordagens politizadas dentro do cenário atual e de outros cenários, seja do lar, trabalho e outros campos que a mulher for atuante e que não for também, pois esta última consideração sinaliza a generalização masculinizada do olhar social que abnega a mulher de inferir dentro do lugar que esta integra.

2. Mulher e sociedade: Uma análise a partir dos parâmetros históricos, críticos e sociais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A questão de gênero e da relação entre mulher e sociedade, apresenta ligação aos movimentos sociais e feministas através de suas múltiplas manifestações em prol de mudanças na organização social e na luta pela igualdade dos gêneros na contemporaneidade. Entretanto, como afirma Louro (2003), também é importante não esquecer do passado e sua perspectiva histórico-crítica.

Louro (2003, p. 14) acrescenta que para melhor compreender a atual situação do pensamento e contexto feminino e o seu significado na atualidade “é preciso que se recupere um pouco de todo o processo”. Diante disso, ao realizar um breve panorama histórico das mulheres na sociedade, percebemos inúmeras lutas e conquistas pela emancipação em diversos setores sociais.

Entretanto muitas questões / ações, no que se refere a estas lutas contra a opressão feminina terem reconhecimento no cenário social, seja em filmes, pesquisas empíricas, literaturas, entre outros, ao referenciar-se aos movimentos sociais e feministas, em sua maioria realiza uma abordagem de forma superficial, não se aprofundando nas chamadas “ondas do feminismo” (LOURO, 2003).

A autora supracitada menciona que “o sufrágio passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo” (LOURO, 2003, p.15). Esse termo refere-se ao movimento que iniciou nos países ocidentais através de questionamentos políticos no que se refere ao direito do voto feminino.

No meio social, o movimento estendeu-se a outras reivindicações, como acrescenta Louro (2003, p. 15) “[...] ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões”. Vale ressaltar que inicialmente estes interesses estavam ligados às mulheres brancas, heterossexuais e de classe média. Diante das lutas desencadeadas no meio social em torno das desigualdades trabalhistas entre homens e mulheres, Carneiro (2003) realiza o seguinte comentário reflexivo:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

embora as desigualdades salariais significativas entre homens e mulheres que ocupam as mesmas funções permaneçam, é inegável que a crítica feminista sobre as desigualdades no mercado de trabalho teve papel importante na intensa diversificação, em termos ocupacionais, experimentada pelas mulheres nas últimas três décadas. (CARNEIRO, 2003, p.118)

A autora alerta que ao longo dos anos o próprio feminismo encontrava-se aprisionado ao eurocentrismo que universalizava as mulheres e com isso inúmeras consequências emergiram como por exemplo, o não reconhecimento de desigualdades existentes além do sexismo.

A segunda onda do movimento das mulheres, conforme Louro (2003), surge na década de 1960, como uma ampliação desses questionamentos políticos e sociais, abrangendo o interesse de uma multiplicidade de questões, reivindicações e lutas também consideradas populares no que se refere a democratização do país. Para Carneiro (2003), estas lutas são consideradas memoráveis e importantes, pelo protagonismo feminino na própria história, como já vimos em sua fala anteriormente. Entretanto, essa nova onda, envolve outras questões além do trabalho e que de certa forma estão interligadas, como por exemplo a reivindicação das mulheres de classes populares por creches públicas, entre outras questões de âmbito social mais amplas e polêmicas, como a legalização do aborto.

Louro (2003) acrescenta que esse novo momento do movimento das mulheres, ressurge num contexto de “efervescência social e política, de contestação e de transformação”, o que de certa forma demonstra uma ruptura de um antigo “comodismo”.

Diante disso os movimentos sociais e suas lutas conhecidos na contemporaneidade tem reivindicado é justamente essa discussão em torno de diversas temáticas que envolve a invisibilidade e silenciamento da mulher, como a saúde, o racismo, as diversas formas de violência e o envolvimento das/ nas políticas públicas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em relação a marcha pela promoção de direitos, vale destacar os diversos caminhos de lutas percorridos pelas mulheres. Lopes, resalta que foi através dos estudos relacionados ao gênero e ao feminismo que ocorreu o reconhecimento em torno das mulheres e suas demandas socioculturais e suas respectivas especificidades, apesar de ter se constituído de forma tardia. Louro (2003) também acrescenta que os estudos feministas e culturais trazem à tona a compreensão dos sujeitos pelas suas identidades e diferentes grupos sexuais, de classe e gênero.

numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias (LOURO, 2003, p. 24)

O feminismo juntamente com os diferentes movimentos das mulheres tem buscado a construção e reivindicação de seus caminhos. Estes que tem seguido em marcha acerca de diversas reivindicações que ultrapassaram questões do sexismo, como também as divisórias que as separavam, sendo organizadas até mesmo em nível internacional e com grande força no cenário brasileiro, como por exemplo a marcha mundial das mulheres, marcha das margaridas, marcha das mulheres negras e a marcha das vadias.

Retornando ao movimento das mulheres e as novas reivindicações e organização social destas, Louro (2003) destaca que existe críticas as antigas concepções realizadas por feministas de diferentes vertentes as quais “percebem o conceito como extremamente marcado por sua origem acadêmica, branca, de classe média”, trazendo discussões que contemplem também os interesses, as experiências e os questionamentos de mulheres lésbicas, negras e as diferentes formas de masculinidade, o que também pode acrescentar a questão do posicionamento do homem em torno do feminismo, ou seja, trata-se também de uma desconstrução para construção dos gêneros, identidades, grupos, o que reflete na mobilização e organização de pautas reivindicatórias na sociedade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

2.1 As novas agendas feministas

Carneiro (2003), menciona em seu texto sobre as novas agendas feministas na Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras realizada em 2002 a qual mostra a coletividade que o movimento deve ser gerido:

mulheres negras, indígenas, brancas, lésbicas, nortistas, nordestinas, urbanas, rurais, sindicalizadas, quilombolas, jovens, de terceira idade, portadoras de necessidades especiais, de diferentes vinculações religiosas e partidárias... que se detiveram criticamente sobre as questões mais candentes da conjuntura nacional e internacional, nos obstáculos contemporâneos persistentes para a realização da igualdade de gênero e os desafios e mecanismos para a sua superação. (CARNEIRO, 2003, p.126)

Consideramos, portanto, que o caráter político destes movimentos de mulheres é uma das marcas significativas dos estudos feministas. Louro (2003) cita que expressam-se através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, como também através da literatura, meios audiovisuais, jornais e revistas.

Vale ressaltar que em relação a política, há uma problematização em torno da diversidade e subjetividade das mulheres brasileiras, a qual percebe-se uma dificuldade de implementação das políticas públicas que envolvem a diversidade das mulheres em sua coletividade, como as já citadas mulheres quilombolas, indígenas, heterossexuais ou lésbicas, da cidade, do campo ou ribeirinhas. Diante disso, a importância da reivindicação e lutas sociais na marcha continua em busca de direitos.

No Brasil, estas marchas trilhadas pelas mulheres ao longo dos anos tem evidenciado avanços políticos e sociais, um destes foi concretizada com a Lei 11.340, a chamada Lei Maria da Penha, objetivando combater a violência doméstica e uma punição rigorosa aos agressores.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No âmbito acadêmico, questões voltadas ao gênero, diversidade e movimento de mulheres e feminismo ainda possuem poucos espaços de discussão. Em sua maioria são tratadas de forma não aprofundada, como por exemplo nos cursos de formação de professores, como na graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, os quais estas temáticas são discutidas na grade curricular apenas através de disciplinas eletivas.

Realizar essa problematização através de discussões em combate ao machismo e a violência, é de suma importância, não somente pelo preconceito existente no que se refere a precariedade da profissão docente, mas pelo fato de rotulações de que alguns cursos de licenciatura são destinados subliminarmente para mulheres, pois é voltado para “cuidar de criança”. Louro (2003) também aborda essa questão em seus estudos e reflete que muitas estudiosas feministas já realizaram denúncias acerca da ausência feminina nas ciências exatas e em outras áreas do conhecimento a qual há uma certa segregação sexista e que por conseguinte atingirá a vida dessas mulheres quando saírem da universidade a continuarem submissas em suas respectivas profissões. Pois consoante à autora:

gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação. (LOURO, 2003, p. 17)

Ainda sobre o movimento das mulheres, Carneiro (2003) aborda uma questão importante sobre as diferenças e divergências existentes no próprio movimento feminista. A autora cita a importância de “enegrecer o feminismo”, pois “o racismo rebaixa o status dos gêneros”. (CARNEIRO, 2003, p. 119)

A autora discorre de que a questão racial tem conduzido as mulheres negras a enfrentar “no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres”. E este fator tem direcionado



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ao preconceito em relação ao trabalho, saúde, meios de comunicação, como abordado pela autora. Diante disso, a exigência de dimensionar a questão de gênero nas discussões e pautas dos movimentos negros.

Louro (2003) destaca que a luta primeira se centrava na reivindicação da igualdade entre as mulheres e os homens, entretanto na contemporaneidade, tem sido crucial a discussão em torno da teorização e práticas presentes nas políticas públicas e educacionais no posicionamento atento às diferenças não apenas sexistas, mas de classe e étnico-raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pautas feministas se aproximam dentro do que comportam a busca da mulher pelo seu protagonismo social, dentro de um cenário majoritariamente regido pelo patriarcado, no qual a mulher é silenciada e tratada num composto secularizado. Para além da “costela”, a mulher é um pedaço componente da histórica social do mundo e deve ser percebida como tal, dentro de perspectivas uno como particulares. Por esse motivo generalizar o feminismo é restringi-lo a um único padrão de mulher, desconsiderando o contexto social de várias outras mulheres que são matriarcas de suas famílias, seja ela sua cultura ou pela sua atuação.

Nesse viés, podemos tratar do feminismo negro e indígena, como braços componentes do feminismo, porém com distinções que consideram e devem considerar o papel da mulher no lugar e contexto mencionados. Dentro desse olhar, podemos resgatar a célebre frase de que “o pessoal é político” de uma das destacáveis feministas Carol Hanisch, singular na segunda onda do feminismo que compreende de 1960 à 1980. ¹

Sendo assim pelo pessoal ser político, pode-se aludir que mulheres negras e indígenas, entre outras, trazem seu particular para discussão, elencando aspectos que integram o pessoal-ser mulher- e o político- ser observada e observância social, tratando de campos e interesse onde esta é citada para além da pessoa, mas para agente educativo e político que, a partir de sua condição de gênero, busca ultrapassar os limites sociais que lhe é imposto, tratando de

¹ Informação adquirida do site <http://servicodepreta.blogspot.com.br/2014/11/o-pessoal-e-politico-o-que-as.html>, no qual traz uma abordagem do histórico feminista, citando a segunda onda, depois da conquista da mulher ao voto, buscando a percepção desta em relação aos seu corpo e aspectos culturais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

uma postura rebelde ou consciente para sintetizar-se como sujeito mediante aos atalhos masculinos que inserem a flexibilidade da discussão feminista para uma paráfrase social do que é fruto de luta, de contexto de estar, perceber e ser mulher.

Dessa maneira o feminismo, assim como a direita e a esquerda política, direciona-se ao seu campo de interesse, trazendo em seu mapeamento interlocuções que sintetizam o ser mulher, entre o estar mulher e o continuar mulher, no qual a discussão sobre o feminismo supere o sexismo, buscando um acometimento do que é ser mulher e trans, mulher e negra, mulher e pobre, ou seja, ser mulher de onde se está, mas não de uma ideologia cristalizada em uma perspectiva eurocêntrica do feminismo, pois queimar sutiãs não é o suficiente, mas ser mulher e sentir-se mulher é um fundante começo para aderir lutas e suas conceituações dentro de uma sociedade maquiada e com ótica para o lucro, onde o homem é sujeito e mulher é anexo.

A temporalidade da discussão sobre o protagonismo da mulher se faz necessária, não somente acerca das políticas públicas e sua amostragem nas estatísticas sociais, mas ser mulher compreende-se tornar-se mulher, buscando obtenção de consciência e análise de contexto, sendo o gênero feminino superado e discutido em lutas LGBTs e na introdução de que é importante sentir-se mulher.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados. . N. 17 (49): 117-32, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ : Vozes, 6º ed. 2003.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**